

Lembrar para esquecer: uma aproximação das reflexões de Maurice Blanchot sobre o esquecimento com o filme *Brilho eterno de uma mente sem lembranças*

letrônica

Camila Gonzatto da Silva¹

No texto *O Esquecimento, a Desrazão*², Maurice Blanchot afirma “O esquecimento, em cada acontecimento que se esquece, é o acontecimento do esquecimento” (p. 171). Essa afirmação é um excelente ponto de partida para pensarmos o lugar que ocupa o esquecimento no filme *Brilho eterno de uma mente sem lembranças* (2004), escrito por Charlie Kaufman e dirigido por Michel Gondry.

O filme conta a história de Joel Barish, um homem de classe média novaiorquino, que acorda sentindo-se mal no Dia dos Namorados e pega um trem para Montauk, uma praia em Long Island, próxima a Nova York. Lá, conhece Clementine Kruczynski (Clem), uma mulher livre, extrovertida, com cabelos azuis (Blue Ruin é o nome da tinta), que trabalha como vendedora de livros numa livraria da rede Barnes & Noble. Os dois imediatamente se interessam um pelo outro, estabelecendo uma forte conexão.

Poucos minutos de filme se passam e descobrimos que este é um prólogo, fora da ordem cronológica da narrativa, que mais tarde revela-se ser uma sequência próxima ao final do filme. Logo entende-se que os dois protagonistas foram namorados e que a

¹ Camila Gonzatto é roteirista, diretora e produtora de cinema e televisão. Estudou Publicidade e Propaganda pela UFRGS e cursou o Taller Avanzado de Guión na Escola Internacional de Cinema e TV de Cuba. É mestre em Escrita Criativa pela PUCRS e doutoranda em Teoria da Literatura, com foco em Narrativa Transmídia, pela mesma Universidade.

² BLANCHOT, Maurice. *A Conversa Infinita 2: a experiência limite*. São Paulo: Escuta, 2007.

mesmice, a rotina e os problemas do relacionamento, levaram Clementine a seguir um anúncio de televisão e encontrar a empresa Lacuna Inc.³. A empresa presta um serviço de “apagamento” de memória de amores sem solução a partir da prerrogativa: “Por que se lembrar de um relacionamento amoroso destrutivo?”, sentenciada pelo seu fundador, o Dr. Howard Mierzwiak. Clem, sem hesitação, contrata os serviços da empresa para esquecer Joel.

Entre idas e vindas, Joel acaba descobrindo o que aconteceu e entende por que Clem o trata como um desconhecido, quando ele vai à livraria em que ela trabalha. Joel tem que lidar agora não só com a ausência de Clem, mas também com a sensação de não existir mais para ela. Abandono absoluto.

De acordo com Roland Barthes⁴ (2007, p. 35), todo o episódio de linguagem que encena a ausência do objeto amado, tende a transformar essa ausência em provação de abandono. No caso de Joel, essa afirmação é levada ao limite: foi abandonado a partir de um processo artificial. Não tem a chance de reconquistar Clem a partir de onde eles pararam. Ele está sozinho com suas memórias, abandonado a elas.

Ora, só existe ausência do outro: é o outro que parte, sou eu quem fica. O outro está em estado de perpétua partida, de viagem; é, por vocação, migrador, fugidio; eu sou, eu que amo, por vocação inversa, sedentário, imóvel, à disposição, à espera, plantado no lugar, em sofrimento, como um pacote num canto obscuro da estação. (2007, p. 35)

Clem partiu quando decidiu apagar suas memórias, quando não conseguiu lidar com a complexidade, ou simplicidade, do relacionamento com Joel.

Joel, por sua vez, não tem meios para lidar com a não-memória de Clem e não consegue suportar sua ausência: “a ausência é a figura da privação; simultaneamente

³ Há um site na internet em nome desta empresa, possivelmente criado pela equipe de marketing do filme: <http://www.lacunainc.com/home.html>

⁴ BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

desejo e necessito” (BARTHES, 2007, p. 39). Resolve, então, que também deve esquecer-la. Nesse momento, a ausência e o esquecimento começam a ser cotejados. De acordo com Barthes:

A ausência bem suportada nada mais é do que o esquecimento. Sou, intermitentemente, infiel. Esta é a condição de minha sobrevivência; pois, se não esquecesse, eu morreria. O amante que não esquece algumas vezes morre por excesso, cansaço e tensão de memória (como Werther). (2007, p. 37)

Nesse caso, ao não conseguir esquecer Clem de forma natural e rápida, Joel resolve, em um ato impulsivo, diferentemente de sua personalidade construída pela narrativa cinematográfica até então, que quer passar pelo mesmo esquecimento proporcionado técnica e cientificamente.

Vale destacar que Joel se preocupa com esse processo e pergunta ao Dr. Howard se ele não terá danos cerebrais. A resposta que recebe é direta: “o processo em si é um dano cerebral”. Mesmo com esse fato, Joel decide prosseguir e contrata os serviços de apagamento.

É nesse momento que o filme realmente começa, ao mesmo tempo em que atinge o seu ápice, dedicando às ações e conseqüências do procedimento de esquecimento, praticamente dois terços de seu tempo total. O fato de esquecer é tornado um acontecimento, como postulado por Blanchot. E, este acontecimento do esquecimento, também como conceitua Blanchot é uma não presença e não ausência (2007, p. 171). Esta não presença e não ausência se tornam claros no filme, no estado semi-desperto / semi-adormecido em que se encontra Joel durante o procedimento de apagamento, bem como em tudo o que se passa na mente de Joel: ele é consciente de ter contratado o apagamento e é lá, no seu subconsciente, onde ele continua vivendo seus últimos momentos com Clem.

Porém, antes de esquecer é preciso lembrar. Para que o método funcione, primeiro é preciso passar pela dor, para depois apagá-la. Joel tem que levar todos os seus objetos relacionados com Clem para o consultório do médico. Lá, com sua equipe, Dr. Howard traça um mapa do cérebro de Joel a partir de suas lembranças. A cada objeto, uma nova lembrança.

Verena-Susanna Nungesser⁵, afirma que os objetos tem a capacidade de preservar o impacto emocional e mnemônico que causaram, funcionando como mediadores de memória (2009, p. 37). A partir desse mapa traçado, as lembranças que Joel tem de Clem serão apagadas, enquanto ele estiver dormindo, pela equipe do Dr. Howard, com a ajuda de um programa de computador e de um aparato instalado em sua cabeça.

Para Blanchot⁶, por um lado esquecer é um poder: “podemos esquecer, e, graças a isso, podemos viver, agir, trabalhar e lembrarmo-nos – estar presente: falar assim utilmente” (2007, p. 172). Ainda de acordo com o autor, por outro lado, o esquecimento nos escapa:

Isso não significa simplesmente que, por meio do esquecimento, uma possibilidade nos seja retirada e uma certa impotência revelada, mas que a possibilidade que é o esquecimento é o deslizamento para fora da possibilidade. Ao mesmo tempo que nos servimos do esquecimento como de um poder, o poder de esquecer nos remete ao esquecimento sem poder, ao movimento daquilo que oculta e se oculta, o próprio desvio. (2007, p. 172)

O filme tangencia essa afirmação quando o procedimento de apagamento da memória tem início. Ao ter consciência do apagamento de suas recordações mais recentes com Clem, Joel decide que não quer mais continuar. Ao relembrar ele decide

⁵ NUNGESSER, Verena-Susanna. *I Forgot to Remember (to Forget): Personal Memories in Memento (2000) and Eternal Sunshine of the Spotless Mind (2004)* in ERLI, Astrid; RIGNEY, Ann; BASU, Laura; BIJL, Paulus. *Mediation, Remediation, and the Dynamics of Cultural Memory*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2009. As citações são livres traduções da autora deste ensaio.

⁶ BLANCHOT, Maurice. *A Conversa Infinita 2: a experiência limite*. São Paulo: Escuta, 2007.

que quer manter a memória – memória de uma possibilidade afetiva, memória de múltiplas possibilidades, memória de vida.

Ele tenta a todo custo comunicar-se com os assistentes do Dr. Howard e com o próprio, sem sucesso, pois tudo está acontecendo dentro de sua mente. Cria, então, junto com Clem, uma estratégia para tentar despistar o computador: tenta recontextualizar suas memórias, tirando-as do mapa previamente traçado. É interessante perceber que o que acontece com essa recontextualização é: ao invés de distanciar-se de Clem, Joel aproxima-se ainda mais dela, levando-a momentos muito mais intensos e íntimos de sua vida, como a infância e situações de vergonha e humilhação.

A estratégia funciona bem até que o Dr. Howard é chamado à casa de Joel, onde o procedimento está sendo feito, e consegue, repetidas vezes, encontrar onde Joel está em suas memórias, mesmo fora do mapa antes traçado. O procedimento é feito até o final. Ou seja, até que o cérebro de Joel seja danificado a ponto de que suas memórias afetivas com Clem sejam apagadas. Vale destacar que para isso acontecer Joel reviveu e intensificou suas lembranças duas vezes: ao levar os objetos até o consultório do Dr. Howard, quando foi desenhado o mapa, como já dito anteriormente, e durante o próprio processo de apagamento. Joel, agora, não tem mais nada, já não lembra. Terá ele também perdido a possibilidade de amar? Apagado-a junto com suas memórias?

De acordo com Blanchot (2007, p. 171):

Esquecer uma palavra é encontrar a possibilidade de que toda fala seja esquecida, estar próximo a toda a fala como se estivesse esquecida e também próximo ao esquecimento como fala.

Nesse sentido, Joel abriu a possibilidade de esquecer o amor. Mas será que ele conseguiria, já que não conseguiu nem esquecer Clem de forma natural? O amor é o principal combustível na vida de Joel, o amor enquanto possibilidade.

Letrônica, Porto Alegre v.4, n.1, p.88, jul./2011.

Ao mesmo tempo que acompanhamos o que acontece com Joel e suas memórias, histórias paralelas vão sendo contadas, praticamente no mesmo ritmo frenético do que se passa no interior da cabeça de Joel.

Mary, a secretária da Lacuna Inc. acompanha o procedimento, porque é namorada de um dos assistentes do Dr. Howard, mas acaba declarando-se apaixonada pelo médico-chefe. Entre as tramas do filme, ela descobre que já teve um caso com ele e que a história foi apagada de sua memória.

É partir daí que todos os que tiveram suas memórias apagadas, receberão uma fita com a gravação dos motivos que os levaram ao apagamento. Esta fita foi gravada durante a entrevista inicial, quando a lembrança ainda era necessária para traçar o mapa do esquecimento. Ou seja, o apagamento não é total. Ainda sobram alguns vestígios em arquivos analógicos, um método muito mais primitivo que o sistema digital de esquecimento.

De acordo com Jacques Derrida⁷ (2001, p. 28-29), o arquivo, como impressão, escritura, prótese ou técnica hipomnésica em geral, não é somente o local de estocagem e de conservação de um conteúdo arquivável passado, que existiria de qualquer jeito e de tal maneira que, sem o arquivo, acreditaríamos ainda que aquilo aconteceu ou teria acontecido:

Não, a estrutura técnica do arquivo *arquivante* determina também a estrutura do conteúdo *arquivável* em seu próprio surgimento e em sua relação com o futuro. O arquivamento tanto produz quanto registra o evento. (2001, p. 29)

O arquivo é essencial à história de *Brilho Eterno*. No caso de Joel e Clem, ele produz / reproduz o evento, recria-o, atualiza-o, reinsere-o na memória. E, é assim,

⁷ DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo*. Uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. **Letrônica**, Porto Alegre v.4, n.1, p.89, jul./2011.

através das gravações arquivadas que o Joel e a Clem do prólogo do filme, descobrirão / redescobrirão / talvez lembrarão o motivo de sua rápida conexão e interesse. Eles colocarão a possibilidade de amor de volta a reabitar suas mentes brilhantes.

Voltando a personagem Mary. É também ela quem faz dois importantes intertextos da história. Ela declama duas citações que amarram o filme.

Abro um parêntese: (é interessante notar, como uma personagem secundária, acaba assumindo no roteiro de Kaufman um papel de desencadeadora do desfecho e de ligação entre os fragmentos. Os protagonistas agonizam sem memória, cabe a alguém de fora, reorganizar as lembranças).

Mary cita: “Abeçoados sejam os esquecidos, pois tiram o melhor de seus equívocos”, Nietzsche, em *Além do bem e do mal*. Ela também cita o poema de Alexander Pope, de onde foi retirado o título do filme: “Feliz é o destino da inocente vestal! Esquecendo o mundo e sendo por ele esquecida. Brilho eterno de uma mente sem lembranças! Toda prece é ouvida, toda graça se alcança.” As citações ao mesmo tempo em que corroboram com os princípios da Lacuna Inc. são absolutamente irônicas com os personagens de Joel e Clem.

Outra história paralela relevante é a de Patrick um dos assistentes do Dr. Howard. Ele está apaixonado por Clem e usando todos os vestígios da memória de Joel a fim de conquistá-la. Quando Joel percebe isso e conta para Clem dentro de sua mente, ela começa a ter crises na vida real, sem saber de onde elas vêm. Clem passa a não ver sentido nas coisas que estão acontecendo, como se algo faltasse. Ou seja, as memórias não mais existem, mas vestígios de que algo possa ter existido cria um vazio, o vazio do apagamento, que não pode ser preenchido com novas experiências. É uma falta, uma incompletude.

Nesse sentido, pode-se lembrar de Blanchot⁸ novamente, quando ele afirma:

Quando sentimos falta de uma palavra esquecida, ela se designa ainda por essa falta; nós a temos por esquecida e assim a reafirmamos nessa ausência que ela parecia ter sido feita unicamente para preencher e dissimular o lugar. Na palavra esquecida, apoderamo-nos do espaço a partir do qual ela fala e que agora nos remete a seu sentido mudo, indisponível, interditado e sempre latente. (2007, p. 171-172)

Esse sentido latente da memória apagada é o que faz o amor cíclico de Joel e Clem e do Dr. Howard e Mary reaparecerem / recomeçarem no final do filme como se fosse algo natural e totalmente inesperado. Pode-se lembrar de Verena-Susanna Nungesser⁹ nesse ponto, quando ela afirma que lembrança e esquecimento são processos construídos (2009, p. 31). Em *Brilho Eterno de uma mente sem Lembranças* até o desejo de lembrar e esquecer é construído. Essa construção se dá a partir da referência das atitudes do outro, do outro que eu quero junto a mim.

Por isso, pode-se concordar com Marcelo Rezende¹⁰, quando afirma que em *Brilho Eterno* apenas o amor não tem fim. A sua possibilidade não é apagada junto com todas as memórias. Todo o processo de apagamento / esquecimento, no final, não é efetivo pois as mesmas histórias serão revividas novamente – isso era o prólogo: a história começando novamente, da mesma maneira –, uma vez que, segundo Barthes¹¹:

A solidão do amante não é uma solidão de pessoa, é uma solidão de sistema: estou sozinho para erigi-lo em sistema (talvez por ser constantemente remetido ao solipsismo de meu discurso). Paradoxo difícil: posso ser ouvido por todos, mas não posso ser escutado senão

⁸ Idem.

⁹ NUNGESSER, Verena-Susanna. *I Forgot to Remember (to Forget): Personal Memories in Memento (2000) and Eternal Sunshine of the Spotless Mind (2004)* in ERLI, Astrid; RIGNEY, Ann; BASU, Laura; BIJL, Paulus. *Mediation, Remediation, and the Dynamics of Cultural Memory*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2009.

¹⁰ REZENDE, Marcelo. *Ciência do sonho. A imaginação sem fim do diretor Michel Gondry*. São Paulo: Alameda, 2005.

¹¹ BARTHES, 2007.

pelos sujeitos que tem exatamente e presentemente a mesma linguagem que eu. (2007, p. 317)

E, no caso de *Brilho Eterno* as duplas são as únicas, que ainda dentro de sua amnésia artificial, tem ouvidos uns para os outros. É o amor, junto com o esquecimento enquanto poder, que permite seguir em frente e não o apagamento total de qualquer lembrança.

Referências

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BLANCHOT, Maurice. *A Conversa Infinita 2: a experiência limite*. São Paulo: Escuta, 2007.

DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo. Uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

NUNGESSER, Verena-Susanna. *I Forgot to Remember (to Forget): Personal Memories in Memento (2000) and Eternal Sunshine of the Spotless Mind (2004)* in ERLI, Astrid; RIGNEY, Ann; BASU, Laura; BIJL, Paulus. *Mediation, Remediation, and the Dynamics of Cultural Memory*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2009.

REZENDE, Marcelo. *Ciência do sonho. A imaginação sem fim do diretor Michel Gondry*. São Paulo: Alameda, 2005.

Recebido em: 03/10/2010

Aceito em: 13/04/2011

Contato: camilags@gmail.com